

# PISANDO FORA DA PRÓPRIA SOMBRA A ESCRAVIDÃO POR DÍVIDA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

FIGUEIRA, Ricardo Rezende.  
Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2004. 445 páginas.  
Por Estela Martini Willeman\*

---

Ricardo Rezende Figueira é sacerdote, trabalhou 20 anos na Diocese de Conceição do Araguaia no Pará e durante este tempo foi membro da Comissão Pastoral da Terra. Além disso, o autor é doutor em Ciências Humanas pela UFRJ, com ênfase em Antropologia, onde atua como membro do Grupo de Pesquisa sobre Trabalho Escravo Contemporâneo. Atualmente Pe. Ricardo, como é tratado por seus amigos e alunos, é Professor Associado do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio; membro da coordenação do movimento Humanos Direitos e da Rede Social de Justiça e Direitos Humanos.

Por sua militância em defesa dos Direitos Humanos, Pe. Ricardo recebeu diversos prêmios nacionais e internacionais, tais como: a medalha Chico Mendes, Resistência (1992), o Quarto Prêmio USP de Direitos Humanos (2002), o Prêmio *Anti-Slavery International* (1992) e o *Human Rights Watch* (1994).

Entre seus muitos trabalhos, ele publicou *A justiça do lobo: posseiros e padres no Araguaia* (Vozes, 1986) e *Rio Maria: Canto da Terra*, (Vozes, 1993) e em 2005 mereceu o Prêmio Jabuti, na categoria Ciências Humanas, pela publicação de *Pisando fora da própria sombra*.

Talvez por se tratar de um antropólogo, ou por haver o autor vivido o tema com paixão e compaixão, este livro traz aquilo que Bourdieu (2004) tanto valorizava nos trabalhos científicos de pesquisa: os seus bastidores. Com a leveza e a beleza de quase um romance, seus detalhes sobre sentimentos e impressões não apreensíveis pelos métodos acadêmicos menos sensíveis (como, por exemplo, o momento exato em

---

\* Mestranda do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio.

que o entrevistado troca olhares de cumplicidade com a esposa) e o significado intrínseco destes gestos, Figueira não perde o foco científico e analítico do seu trabalho (sobretudo, por se tratar de uma tese de doutorado) e nos oferece um conteúdo que, a uma só vez, constitui denúncia e apelo. Neste trabalho ciência e emoção convidam o leitor a entrar paulatinamente no universo paradoxalmente escondido e ao alcance de todos, que é o mundo paralelo da escravidão por dívida no Brasil contemporâneo.

Já no começo do livro o autor considera a complexidade que existe em traduzir uma experiência de vinte anos, que está inscrita na sua própria vida, a dados científicos para tratar o tema com outra racionalidade. Na verdade, a idéia de transformar o produto das suas vivências na Pastoral da Terra, ocorridas no norte do Brasil, em uma tese de doutorado surgiu mais tarde, já no Rio de Janeiro. Este esforço exigiu o seu retorno aos locais onde ocorreram aquelas vivências, desta vez para verificações ligadas a critérios metodológicos e para a coleta de material empírico para uma produção epistemológica. A transparência com que o autor comenta estas dificuldades, narrando todo o seu trajeto nesta empreitada, constitui uma preciosa contribuição para aqueles que desejam empenhar esforços no chamado “ofício de sociólogo” (Bordieu *et alli*, 2004).

Para além da academia, o autor oferece dados para que qualquer leitor interessado no tema compreenda em profundidade a estrutura do perverso sistema sobre o qual ele se debruça: a escravidão por dívida no Brasil. Neste livro podemos encontrar desde mapas da região, com sua descrição física e estatísticas de temperatura, pluviosidade, tipo de vegetação e relevo; até os aspectos humanos, como características fenotípicas da população, seus hábitos alimentares e modo de vida em geral, vestimenta, expressão gestual, vocabulário. Ali também estão aspectos econômicos, como renda *per capita*, IDH e caracterização do comércio local; além de aspectos da infra-estrutura em geral de cada área estudada e suas possíveis (e prováveis) configurações de contextos históricos e políticos. Todo este arsenal apreendido pelo crivo experiente do pesquisador e percebido pela figura compassiva do sacerdote, configura o amplo material que possibilitou a reconstituição das teias complexas, onde se deu – e ainda se dá – esta brutal realidade social do “fenômeno” da escravidão por dívida no Brasil.

A escravidão no Brasil é um sistema de “longa duração” histórica (Braudel, 1989), entretanto, os aspectos revelados neste livro, através

da análise do discurso dos seus atores, aponta para esta continuidade, bem como para certos pontos de rupturas. Uma análise de quaisquer destes pontos de forma desarticulada da sua estrutura original poderia implicar em resultados pobres de significados, porém Figueira consegue traduzir toda a sua complexidade neste seu trabalho.

Esta é uma obra de 445 páginas, cujo ponto alto é a capacidade do autor de refletir a cruel realidade a que estão submetidos enormes contingentes da sociedade brasileira – o desemprego e a desesperança – em falas simples e diretas como: “Se partir, em geral, não resolvia, ficar também não, pois não havia oferta de emprego, terra suficiente, ou havendo terra, não havia condições objetivas de comercializar” (p. 115).

Figueira demonstra que, de forma recorrente, muitos trabalhadores se aventuravam a aceitar o aliciamento que, quase certamente, de “proposta de trabalho” se converteria em trabalho escravo em questão de dias, não necessariamente por desconhecer este risco, mas pelo simples fato de que permanecer no lugar de origem não alteraria a sua condição de pobreza. E se o tema é pobreza e desesperança, é surpreendente constatar, através deste trabalho, que não há nos entrevistados indícios de uma ilusão de “subir na vida” ou de “enriquecer” através daquela aceitação, mas sim, o simples desejo de poder adquirir bens (por mais simples que sejam, como uma bicicleta, por exemplo), o que já significaria uma mudança substancial na vida destas pessoas.

Nesta perspectiva, algo que se verifica como fator catalizador da opressão perpetrada contra estes trabalhadores é justamente a sua condição de “outsiders”, em oposição aos “estabelecidos”, categorias criadas por Norberto Elias (1965) que o autor apropriou para analisar as relações de poder que se estabeleceram. Ao migrar de seu local de origem para as fazendas nas quais “prestariam serviços”, estes trabalhadores desesperançados assumiam a condição de “outsiders”, entrando perdedores neste jogo de poder. Somada à violência (verbal, emocional ou física), esta perda do sentido de pertencimento dos “outsider”, funcionou como uma poderosa estratégia de dominação, que resultou no silenciamento de vozes que, de um modo geral, já são deveras eclipsadas, mesmo quando se fazem ouvir dos seus locais de origem.

Fica patente nesta obra do sacerdote, ativista humanista e pesquisador um amplo e pungente sentido de dor que desperta, sem ter o caráter de discurso de púlpito ou de palanque, a indignação do leitor frente ao quadro social perverso sobre o qual ele se debruça.

### Referências bibliográficas

- BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J. e PASSERON, J. *Ofício de sociólogo: metodologia de pesquisa na sociologia*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- BRAUDEL, Fernand. *A gramática das civilizações*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. Primeira edição 1965.